

CORPO, RISCO E CONSUMO: UMA ETNOGRAFIA DAS ATLETAS DE FISCULTURISMO

*Flávia Mestriner Botelho**

Cite este artigo: BOTELHO, Flávia Mestriner. Corpo, risco e consumo: uma etnografia das atletas de fisiculturismo. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 104-119, jul. 2009. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 13 jul. 2009.

Resumo do artigo: o estudo aqui apresentado é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica, e tem como objetivo compreender a relação existente entre a construção dos corpos das atletas de fisiculturismo e o mercado de consumo voltado para o corpo. O objeto do estudo é a lógica do risco na construção das práticas corporais entre as atletas desse esporte. Essas mulheres buscam, através de seus corpos, elaborar projetos individuais, que se apóiam no desafio de limites físicos pessoais, e construir marcas de diferenciação pessoal. A pesquisa foi realizada no ciberespaço, em páginas pessoais das atletas e comunidades do Orkut que reúnem praticantes do fisiculturismo e discutem treinos, dietas e o uso de esteróides anabolizantes. A discussão teórica se apóia na Antropologia do Corpo, principalmente nos trabalhos de Le Breton.

Palavras-chave: Culto ao Corpo; Fisiculturismo Feminino; Risco, Ciberespaço.

1. Introdução

Desde a Antigüidade clássica as sociedades ocidentais procuram por um padrão de beleza ideal, entretanto, é no século XX que o corpo ganha lugar e valor centrais nas sociedades modernas. É o chamado culto ao corpo, ideologia que tem como eixo central a preocupação com o volume e as formas do corpo. Tal preocupação se reflete nos números crescentes da indústria da beleza, expandindo o mercado de consumo voltado para a forma física. A idéia de culto ao corpo vai ser aqui abordada, sob a perspectiva de Castro (2003, p.15), para quem o culto ao corpo é:

um tipo de relação dos indivíduos com seus corpos que tem como preocupação básica o seu modelamento, a fim de aproximá-lo o máximo possível do padrão de beleza estabelecido. De modo geral, o culto ao corpo envolve não só a prática de atividade física, mas também as dietas, as cirurgias plásticas, o uso de produtos cosméticos, enfim tudo que responda á preocupação de se ter um corpo bonito saudável.

A história mostra que muitos padrões de beleza foram criados e modificados conforme os costumes de cada época. Contudo, na década de 1980 o corpo ganhou uma valorização nunca antes vista, tornando o culto ao corpo uma verdadeira obsessão sendo, no início do século XXI, transformado em estilo de vida. Isso se deve ao fato de, nessa época, as práticas corporais terem se tornado mais regulares, fazendo parte do cotidiano dos indivíduos, o que motivou a proliferação das academias de ginástica por todos os centros urbanos (CASTRO, 2003, p.24). Nasce nesse período, a chamada *Geração Saúde*, que tem como valor cultural a preocupação com o volume e as formas dos corpos. Comportamento que reflete diretamente nos números crescentes da indústria da beleza dessa época, marcando a expansão do mercado de consumo voltado para o corpo (2003, p.24).

Essa preocupação com o corpo é hoje, uma preocupação geral, perpassando todos os setores da sociedade, independente de classe social ou faixa etária. Tal preocupação é facilitada pela mídia que todos os dias nos bombardeia com notícias, programas de TV, reportagens em revistas e jornais trazendo manchetes sobre como ter o “corpo perfeito”, qual a dieta da moda, os “milagrosos” produtos que acabam com a sua “gordurinha” localizada em apenas alguns dias e mostrando imagens de homens e mulheres com seus corpos esculpidos e bronzeados. Há ainda os especialistas que nos dizem como é importante para nossa saúde ter o corpo “em forma”. Tal ideologia está, segundo Castro, apoiada num discurso que ora lança mão da questão estética, ora da preocupação com a saúde (2003, p. 28). O trabalho desenvolvido por Azize (2005) sobre o consumo de medicamentos relacionados a “estilos de vida” aponta igualmente nessa direção de um alargamento do conceito de saúde que ganha os sentidos de “qualidade de vida” e “estilo de vida saudável”, em práticas de consumo que, incentivadas pela mídia, vão além de evitar e combater doenças.

Em meio a essa preocupação, na década de 1980, chega ao Brasil uma nova prática de culto ao corpo, denominada de fisiculturismo. Nascida na Europa no século XIX e difundida nos Estados Unidos a partir do início do século XX, o fisiculturismo, ou *Bodybuilding* é o “esporte que visa desenvolver o tamanho muscular entre definição, proporção, simetria estética e harmonia”. [1] Os/as praticantes devem se apresentar em um palco, fazendo coreografias de dança ou exibindo seus corpos dentro de micro biquínis, em poses também coreográficas, nas quais procuram o melhor ângulo para exibir a definição muscular, sendo julgadas pela sua beleza e simetria corporal, nesse caso relacionada à definição muscular.

Como sugerem Luz e Sabino, (2006, p. 4) “o fisiculturismo é a competição estrita da forma. O praticante posiciona-se diante de um júri que vai julgar sua aparência física; mais especificamente o volume e a suposta harmonia de sua conformidade muscular”. Tal prática assemelha-se a um concurso de beleza já que, tal qual as misses, as atletas são julgadas pela sua beleza corporal específica. No seu início, essa prática teve como público consumidor principalmente homens, mas, atualmente, encontra também aceitação e procura entre as mulheres.

Para que o ideal de beleza do fisiculturismo seja atingido, o mercado coloca à disposição um conjunto de saberes e práticas que vão desde dietas, suplementos alimentares, uso de esteróides

anabolizantes e a prática excessiva de exercícios físicos. [2] O fisiculturismo aliado ao consumo desse tipo de produto pode ser analisado como uma alternativa ao padrão estético do corpo feminino de maior aceitação, ou seja, o da mulher magra, esbelta e com um corpo definido, mas sem exageros quanto à musculatura. Melhor dizendo, a decisão de algumas mulheres por construir corpos extremamente fortes e definidos seria uma tentativa de construir identidade numa sociedade que as homogeneiza, seria a procura por uma diferenciação. O Objeto dessa pesquisa é, pois, a lógica do risco na construção das práticas corporais entre as mulheres fisiculturistas.

O presente estudo é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica e tem como objetivo analisar como as mulheres praticantes de fisiculturismo significam esse padrão estético e, principalmente, como elas o situam face ao padrão de beleza feminino mais corrente. Pode-se pensar em um padrão alternativo que se contrapõe a um padrão hegemônico? E, além disso, como elas percebem os riscos que envolvem tal prática? O que elas estariam expressando através de seus corpos? São projetos individuais que se apóiam no desafio de limites físicos pessoais como tentativas de atribuição de sentido à vida? Pode-se afirmar que são projetos que ressignificam lógicas de risco, uma vez que os riscos desafiados nesse tipo de prática representam uma forma de ganhar status dentro do grupo ao qual pertencem?

Segundo Courtine (1995, p. 84):

O Bodybuilding constitui, assim, uma das manifestações mais espetaculares de uma cultura da aparência do corpo... mas ele não é simples espetáculo: ele é sustentado por uma indústria, um mercado e um conjunto de práticas de massa.

São muitas as técnicas de mudança corporal que o mercado coloca à disposição de uma parcela cada vez maior de consumidores, incluindo aí as técnicas praticadas entre as mulheres adeptas do fisiculturismo. Estevão e Bagrichevsky (2004, p.18), expõem algumas dessas técnicas e trazem a noção de fisiculturismo como a:

representação de uma prática corporal tanto masculina como feminina de características peculiares: emprego de um regime de treinamento físico diário muito intenso, no qual predominam inúmeros exercícios de força com pesos, concomitantemente à administração de elevadas doses de hormônios anabólicos androgênicos (sintéticos), para a aquisição de exacerbada quantidade de massa muscular corpórea e para significativa redução de tecido adiposo, com fins estritamente estéticos.

Os autores complementam que apesar de a idéia de se entrar em forma rapidamente já ter tomado conta do imaginário social, de forma cada vez mais ampla, é impossível biologicamente, que essas modificações desconsiderem as intervenções cirúrgicas ou o uso de poderosas drogas disponibilizadas pela indústria farmacêutica (2004, p. 17) e salientam que, da mesma maneira que os homens, as mulheres também preferem para si corpos com aparência extremamente forte (2004, p. 20).

Sabe-se que tais drogas têm a venda proibida por lei, apesar de vendidas indiscriminadamente em farmácias, dentro das academias, muitas vezes pelos próprios profissionais, e também na internet, com maior facilidade ainda. A proibição se deve aos inúmeros efeitos colaterais como, o aparecimento de pêlos por todo o corpo, engrossamento da voz, problemas no fígado, entre outros. Esse comércio paralelo acontece com facilidade nas comunidades na Internet.

Essas substâncias utilizadas entre as fisiculturistas para aumentar a massa muscular são derivadas de hormônios masculinos como a testosterona, que tem efeito androgênico e anabólico, o que causa nas mulheres que fazem uso um efeito masculinizante na aparência.

A situação do corpo no mundo moderno é analisada aqui a partir da concepção do antropólogo francês David Le Breton (2003; 2006), para quem o corpo tem sido percebido e vivenciado como um “rascunho”, algo que pode e deve ser melhorado, sendo necessário corrigir toda e qualquer imperfeição sobre ele. Para corrigir essas imperfeições existem hoje dúzias de tratamentos estéticos, assim como diversas técnicas de cirurgia plástica, pílulas de emagrecimento instantâneo, suplementos em pó, em cápsulas, em comprimidos que substituem o prato de refeição, esteróides anabolizantes que em poucas semanas transformam o indivíduo em um verdadeiro “Hulk”, exercícios de hipertrofia muscular que colocam a mostra até as veias mais escondidas. Sem contar a enorme variedade de dietas que a cada dia surgem na televisão, em livros escritos por médicos famosos e que prometem acabar com todas as “gordurinhas” em apenas alguns dias. E, com todos esses artifícios disponíveis no mercado, o indivíduo é responsabilizado pela sua “boa forma”, concebida como boa saúde, ou culpabilizado pelo contrário. Na concepção do autor, o corpo é pensado hoje como um simples suporte da pessoa, “ontologicamente distinto do sujeito, torna-se um objeto à disposição sobre o qual agir a fim de melhorá-lo” (LE BRETON, 2007, p. 15), clamando por um imperativo de mudança. Argumenta ainda que esse pensamento trouxe à tona um novo dualismo, que antes costumava ser ocupado pelo corpo versus a alma e, agora a oposição é entre o corpo versus o próprio sujeito. O autor afirma que (2007, p. 28):

O corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o ser-no-mundo (grifo do autor), mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos. Deixou de ser identidade de si, destino da pessoa para se tornar um kit, uma soma de partes eventualmente destacáveis à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si e para quem justamente o corpo é a peça principal de afirmação pessoal.

Esse dualismo é expresso, segundo o autor, com radicalismo pelos bodybuilders. Ele acredita que essa visão sobre o corpo seja uma forma de resistência simbólica na tentativa de construir ou restaurar um sentimento de identidade ameaçada.

Sabino (2004, p. 23) também mostra essa mudança de posição do corpo, que “de meio para atingir um ideal, tornou-se, para muitos, um projeto”.

Os questionamentos a respeito desse tema surgiram a partir do interesse em descobrir o porquê de se arriscar em nome de um padrão corporal. A cultura da “corpolatria” (ESTEVÃO, 2004, p.13) passou a ser fundamental na sociedade atual. Práticas como a musculação, consideradas saudáveis, podem levar os indivíduos a conviverem com problemas de saúde crônicos ou até mesmo levar á morte, quando associadas ao consumo de substâncias artificiais para aumentar a massa muscular.

Outra justificativa para essa pesquisa é a necessidade de situar esse debate no âmbito da Antropologia do Corpo, já que a maioria dos estudos feitos sobre a questão do corpo e da saúde entre os fisiculturistas se encontra inserido em áreas como a Educação Física, o Esporte e a Saúde Pública. Os que levam em consideração a teoria antropológica são normalmente relacionados ao sexo masculino ou, então, quando fazem referências às mulheres são mencionados de forma generalizada. Não encontrei, até agora, nenhum estudo que tratasse especificamente de fisiculturismo entre as mulheres.

2. Metodologia

A pesquisa foi realizada no Ciberespaço, em sites que discutem e dão dicas de treinamento, suplementação e de uso de esteróides anabolizantes. Nesses sites, são encontrados artigos, reportagens, imagens relacionadas ao tema, além de muitas propagandas de produtos para ficar com o “corpo perfeito”. Foram analisadas também comunidades do Orkut que têm como objetivo reunir mulheres praticantes do fisiculturismo, além de comunidades que discutem o uso de anabolizantes e treinamentos. **[3]** Devido ao grande número de comunidades, foram selecionadas inicialmente seis, que mostram uma parte do cotidiano dessas participantes, e ajudam na formulação das questões para as entrevistas me direcionado aos perfis a serem analisados e às outras páginas sobre o tema, através de links. São elas: “Sou mulher e amo musculação”, “Obcecados por hipertrofia”, “Musculação + Anabolismo”, “Fisiculturismo Feminino”, “Female Muscle Show” e “Mulher musculosa, um colírio”.

Apesar de informações divergentes sobre o assunto, o fisiculturismo vai ser tratado aqui como esporte, já que possui algumas federações e uma confederação no país, a Confederação Brasileira de Musculação e Culturismo. Além disso, todas as informações que foram obtidas através de informantes tratavam tal prática como esporte. O reconhecimento do fisiculturismo como esporte tem sido uma luta a parte para esses atletas. São, portanto, são chamadas de atletas de fisiculturismo nesse trabalho as mulheres com quem realizei entrevistas, já que participam de campeonatos, disputando prêmios em uma dada modalidade. E as mulheres que participam e debatem em comunidades são tratadas como participantes dessas comunidades, pois não obtive dados para afirmar se participavam ou não de competições, sendo que o fisiculturismo é referenciado por elas como uma opção pessoal com fins de produzir uma modificação corporal.

No Orkut foram analisados os perfis tanto das atletas entrevistadas como algumas das participantes das comunidades relacionadas. A análise desses perfis pode trazer dados importantes do cotidiano dessas mulheres, bem como as fotos postadas ajudam a visualizar os efeitos dos intensos treinamentos, da suplementação e do uso de hormônios artificiais. Algumas das atletas pesquisadas também possuem sites pessoais, que contam sua trajetória de vida, no esporte e expõem seu estilo de vida, estes sites também serão analisados. A partir da observação dessas comunidades, foram identificadas algumas atletas, com as quais entrei em contato e pude realizar entrevistas via email e via mensagem instantânea.

O trabalho de campo realizado no ciberespaço apresenta desafios, sobretudo, quanto à observação participante, pois as entrevistas formais e informais não se dão de forma direta como nas relações face a face. Mas os fóruns de discussão sobre o assunto, as entrevistas realizadas através de troca de emails e mensagens instantâneas com as participantes, além da observação indireta, feita a partir da análise dessas páginas e dos fóruns de discussão das comunidades, mostram-se importantes recursos de pesquisa, reatualizando o debate sobre a pesquisa etnográfica.

Para que essa compreensão fosse possível, foi utilizada no trabalho de campo a observação participante, técnica através da qual a pesquisadora analisa e participa das listas de discussão criadas em páginas e comunidades na Internet, pois como observa Rifiotis (2002, p. 13) “é a efetiva participação nos diálogos e nos interesses dos interlocutores que marca a observação etnográfica”. Além da participação observante, estão sendo realizadas entrevistas que acontecem através da troca de emails ou em chats de conversas instantâneas, com os participantes. As mensagens dos chats de conversa instantânea lembram uma conversação, pois acontecem “em tempo real”, enquanto que no email ela acontece em assincronia, é enviada de um emissor a um receptor que vai tomar conhecimento dela em algum momento oportuno (DORNELLES, 2004, p. 245). Dornelles (2004 p.245) explica como se dá a troca de informações através do chat e do email:

No chat a comunicação é dinâmica e lembra a conversação. A troca de mensagens ocorre rapidamente entre emissores e receptores, o que se chama “tempo real”, ou melhor, sincronia. A troca de mensagens via email também podem ocorrer em tempo real. Nesse caso é preciso alguém envie uma mensagem e alguém, imediatamente, receba e leia a mensagem. No entanto, os costume aliado à modalidade do email é de se utilizar a assincronia... a mensagem é enviada de um emissor a um receptor. Porém esse só irá tomar conhecimento da mensagem em algum momento oportuno, talvez no mesmo dia do envio, talvez em outro dia.

Ainda segundo Dornelles (2004, p.259), o chat propicia a chamada “sociabilidade virtual”, por que há nessa convivência, uma sincronia das mensagens enviadas. O que não acontece no caso do email e das listas de discussões, pois não há geração de simultaneidade. Por sociabilidade virtual Dornelles (2004, p.259) explica que “é a interação social realizada pela comunicação sincrônica e com contato interpessoal mediado pela tela do computador”.

A escolha das atletas a serem entrevistadas se deu devido à necessidade de um maior contato e um maior aprofundamento em algumas questões, que não seriam possíveis apenas com a leitura dos fóruns de discussão. Como afirma Goldenberg (2005, p.88), a entrevista permite uma maior profundidade nas questões e é o instrumento mais adequado para a revelação de informações sobre assuntos complexos, como as emoções. Além disso, estabelece uma relação de confiança entre pesquisador e pesquisado, o que propicia o surgimento de outros dados. A entrevista também foi necessária para verificar a autenticidade de algumas informações, já que a Internet possibilita uma maior liberdade do participante para expressar o que pensa sem precisar ter sua identidade revelada, o que pode favorecer dados que não coincidem com a realidade da conduta das atletas em seu cotidiano.

A análise das listas de discussão entre os participantes dessas comunidades traz a riqueza dos elementos da cultura da musculação e do fisiculturismo e, por usufruírem da facilidade da postagem anônima, temas como o uso de anabolizantes surgem com maior naturalidade. Essa naturalidade torna mais fácil a entrada do pesquisador no ambiente dessas mulheres, já que no âmbito da academia existe uma dificuldade que é a de não conversarem sobre as práticas de risco com pessoas que não são ligadas a seu cotidiano. Por essa razão, descrevi em meu perfil minhas atividades de pesquisa na graduação e sempre que me identificava às participantes e informava meu papel de pesquisadora. Em alguns momentos fui ignorada por algumas participantes, mas nunca hostilizada.

Existe, atualmente, no site de relacionamentos Orkut, cerca de cinquenta comunidades relacionadas ao fisiculturismo, três comunidades relacionadas ao fisiculturismo feminino, mais de mil comunidades relacionadas ao tema musculação e quase seiscentas comunidades relacionadas à temática do risco, números que aumentam constantemente, já essas comunidades são criadas pelos próprios usuários. Grande parte das comunidades sobre fisiculturismo é mediada por homens e naquelas que só se permite a entrada de mulheres, troca-se informações sobre treinos, dietas e suplementos alimentares.

Os fóruns de discussão no Orkut são mediados pelos criadores das comunidades e em algumas delas a participação é aprovada ou não pelos mediadores, o que significa que para participar dos fóruns de discussão é necessário ser aceito pelo mediador. Normalmente esses mediadores verificam o perfil do usuário antes de aprovar sua participação. Em todas as comunidades que participo, precisei ser aceita.

Outro aspecto importante sobre o trabalho do pesquisador no campo virtual, como destaca Rifiotis (2002, p.12) é que a maior parte das interações que se desenvolvem no ciberespaço são de base textual. O que significa que o trabalho de campo terá um estilo particular, pois do que se pode “ver” em campo a maior parte são textos. O mesmo autor expõe ainda (2002, p.12) que o trabalho de campo no ciberespaço vai além da participação direta “face a face” e do “olhar”, tratando-se de

saber explorar a dimensão da fala e procurar as especificidades das conversas escritas, levando à incorporação de mais uma nova dimensão a etnografia.

Além da observação participante e das entrevistas, foi utilizada outra técnica que é a observação indireta. Essa observação é feita a partir da análise das listas de discussão nas comunidades e páginas da Internet, já que as imagens e o conteúdo dessas comunidades são disponíveis ao público.

A internet é hoje uma ferramenta importante na construção de estudos e de análise da cultura, devido à facilidade de se obter informações de qualquer espécie: desde texto de bibliotecas de todo o mundo até o contato do pesquisador com o “nativo”. Desse modo, “a internet pode ser utilizada para verificar a existência de dados, a pertinência de um problema proposto pela pesquisa, para contatar informantes e outros pesquisadores” (AMARAL, 2005, p.3).

3. “No pain no gain” [4] – Quatro modalidades de fisiculturismo, duas trajetórias individuais

Ao analisar algumas comunidades no Orkut e verificar os perfis das participantes, decidi tentar entrevistar algumas atletas brasileiras que também possuíam perfis na rede e participavam dessas comunidades. Na busca de informações sobre o esporte pude delinear, que existem quatro categorias de competição diferentes no fisiculturismo feminino. O julgamento das atletas de cada categoria acontece em várias fases no palco, e cada uma dessas fases tem determinados critérios a serem avaliados.

O *fitness* procura numa concorrente beleza e forma. Nesta modalidade não há necessidade de a atleta ter a musculatura muito rígida e hipertrofiada. A atleta é julgada basicamente pela *performance* atlética; pela feminilidade, que é determinada a partir da escolha do biquíni, do penteado e das jóias e adornos que a atleta usa na apresentação; pela beleza facial, realçada pela maquiagem; pela sua capacidade de mover-se pelo palco com delicadeza e confiança e pela simetria, onde os dois lados do corpo, direita e esquerda, são comparados. A apresentação corporal é aliada a coreografias artísticas. Nas palavras da atleta F., são “pessoas ditas saradas, com corpo de garota de praia, nada muito hipertrofiado”.

No *body fitness* as concorrentes tem um determinado tempo para, em uma coreografia com música demonstrar sua força, resistência e flexibilidade. Nessa etapa a coreografia ajuda os juízes a avaliarem a condição física e as habilidades da atleta. A atleta faz uma demonstração artística de suas habilidades na dança, nas artes marciais, no fisiculturismo e na aeróbica. A segunda etapa avalia o tônus muscular, o qual deve ser bem definido; a estrutura óssea; a proporção, ou seja, cada

um grupo muscular estar definido de forma proporcional e harmoniosa; a simetria corporal e a capacidade de a atleta atrair o público.

O *figure* é o fisiculturismo de uma forma sutil. Nessa modalidade a competidora é avaliada por uma musculatura hipertrofiada e o baixo nível de gordura corporal. A musculatura é bem rígida, mas a hipertrofia e a definição são aceitas até o ponto de os grupos musculares não perderem sua dimensão natural. São executadas poses no palco na tentativa de ressaltar seus pontos fortes, simetria entre as partes é importante.

No *culturismo* ou *bodybuilding*, as atletas possuem a massa muscular bastante hipertrofiada e muito definidas, o que as torna, segundo F., “bastante masculinizadas”. Todos os ângulos do corpo são analisados a partir das poses exibidas pelas competidoras, sendo avaliadas a estrutura óssea; a proporção entre as partes do corpo, por exemplo, as partes inferiores em contraposição às superiores, ou o quadril e o quadríceps; o *balance*, ou seja, a comparação entre os lados direito e esquerdo e a parte da frente com a de trás; e a simetria. São analisados os nove grupos musculares avaliados em função da muscularidade: forma, espessura e qualidade do músculo; a proporção entre os diversos músculos no corpo e; a definição, avaliando a separação muscular e a vascularidade. Durante a apresentação da competidora são avaliadas também suas habilidades, o capacidade de a atleta interagir com o público, o físico e a aparência geral. Essa categoria é dividida no Brasil por peso, em até 55 kg e acima de 55 kg. O culturismo traz características que ajudam a compreender a organização social do gênero, já que em cada uma delas existe uma maior ou menor masculinização do corpo feminino, além de utilizar coreografias e poses consideradas mais femininas.

Minha intenção inicial era entrevistar pelo menos uma atleta de cada uma dessas categorias citadas. Entrei em contato com algumas mulheres primeiramente pelo Orkut e, após essa primeira aproximação, elas me passaram seus e-mails e endereço de mensagem instantânea para entrevistá-las com maior profundidade. Porém, das atletas que efetivamente responderam meus e-mails, uma era da categoria body fitness, uma do *figure* e uma do culturismo. A atleta de culturismo, ao invés de uma entrevista formal, sugeriu que eu mandasse meu endereço via e-mail e ela me enviaria algumas reportagens sobre sua vida. Essas três atletas concordaram em falar sobre suas experiências com o fisiculturismo, no entanto vou me ater aqui às histórias de vida de duas entrevistadas, uma da categoria body fitness e uma da *figure* já que até agora as entrevistas em profundidade só se concretizaram com essas duas atletas. Devido à dificuldade em encontrar material teórico que descreve essas categorias, apoiei-me nas categorias descritas pela Confederação Brasileira de Musculação e Culturismo e nas informações recebidas das atletas nas entrevistas realizadas.

As entrevistas, em conjunto às visitas às páginas pessoais na Internet e aos perfis do Orkut, me ajudaram a esclarecer alguns dos questionamentos feitos no início do trabalho.

Entre as atletas contatadas para a pesquisa, escolhi contar aqui a trajetória de duas delas, pois apenas com elas consegui realizar entrevistas com vários retornos, obtendo respostas a todas as

questões formuladas e sempre que solicitava alguma informação complementar. A elas vou me referir, doravante, como F. e M. para resguardar suas identidades.

As duas entrevistadas têm trajetórias socioeconômicas e familiares diferentes, entretanto, em suas trajetórias individuais partilham um mesmo estilo de vida, estilo perpassado pelos ideais do culto ao corpo e que as levam a testar seus próprios limites cotidianamente.

4. A trajetória de F.: “Nosso grande inimigo, somos nós mesmos”

F. foi uma das primeiras atletas com quem troquei mensagens. Educada, atenciosa e acessível, logo aceitou meu pedido para ser adicionada em seu Orkut. Quando me identifiquei como pesquisadora, ela se prontificou em esclarecer qualquer dúvida sobre o esporte e sobre seu cotidiano. Além de participar da pesquisa, ela me disse que seria uma forma de também contribuir para a divulgação do esporte que ela ama, “mas que infelizmente ainda tem muito a crescer ainda em nosso país”. Compete na categoria body fitness.

O início de sua trajetória no esporte se deu a partir de um descontentamento com o peso, aos dezesseis anos, quando começou a treinar musculação, pois, segundo ela, era obesa. Ainda de acordo com a entrevistada, sua família tem tendência ao excesso de peso, a mãe pesava noventa e cinco quilos e o pai cento e cinco. De lá pra cá, já se passaram onze anos. Solteira, fez da paixão pelo esporte uma profissão, se formou em Educação Física e hoje trabalha como personal trainer. Essa é uma maneira de se manter no esporte, já que os atletas de fisiculturismo no Brasil, especialmente as mulheres, sofrem com a falta de patrocínios para as competições, e com os prêmios que não cobrem as despesas com a suplementação e dietas das atletas. F. argumenta que é o prestígio no esporte que traz alunos para sua academia. Em sua página no Orkut ela exibe com orgulho os títulos conquistados em competições locais, estaduais e nacionais.

Mas, para que pudesse conquistar todos esses títulos, F. teve que sofrer durante anos com exercícios intensos, uma suplementação especializada e uma dieta rigorosa. Le Breton (2007:41) argumenta que a alimentação para o fisiculturista é “pura matéria para fabricar músculos, um cálculo científico da soma de proteínas a serem absorvidos”. Isso fica claro em um dos depoimentos da atleta:

Minha dieta é dividida em 7 refeições diárias, as principais refeições são equilibradas com tudo, vegetais do grupo 1 e 2, carnes, leguminosas e carboidrato, além de frutas e suplementos como whey protein (esse é fundamental pra todo atleta de fisiculturismo), os demais suplementos variam de acordo com a fase de treinamento bem como toda a alimentação e treino.

Seus treinos e as restrições alimentares se intensificam à medida que as competições se aproximam. As fases de treinamento são divididas em duas. A fase Off, que acontece após alguma competição ou quando se está longe do período em que esta vai ser realizada. F. considera essa como a melhor fase, ela explica que “pode comer, sair da dieta nos finais de semana, podemos

comer o que temos vontade, enfim, podemos abusar e até comer doces”. Nesse período se dá ênfase à hipertrofia muscular e não se dá muita atenção para a definição. A outra fase é a de Pré Contest, quando se está a quatro ou cinco meses da competição. Nesse momento, a ênfase recai sobre a definição muscular, “secar”, na linguagem de quem faz parte desse universo. Nesse momento, a dieta fica bem restrita e se come praticamente a mesma coisa todos os dias, chegando ao ponto de zerar os carboidratos e tirar todo o sal da comida. Para F. essa é a hora mais difícil:

é a fase que sofremos mesmo, ficamos mais fracas, mais debilitadas, de muito mau humor já que todo dia comemos sempre a mesma coisa... o treino fica mais intenso e nós mais fracas...Nessa fase nosso grande inimigo somos nos mesmos.

Outra coisa que pude notar analisando seu perfil no Orkut é o preconceito sofrido por mulheres que praticam esse esporte. Em sua página tem um grande desabafo destinado às críticas que ela recebe, seja com relação às dietas, à rotina de treinos, campeonatos e com relação ao seu tamanho corporal: “pessoas que implicam dizendo que corpo assim é feio”. Ela se defende pedindo que respeitem seu “estilo de vida”.

Para F. é necessário gostar muito do que faz porque o esporte não oferece qualquer apoio financeiro às atletas e é muito caro devido à alimentação, sempre em grande quantidade e a toda suplementação necessária que também não é barata. Não se tem retorno algum. A não ser que, como ela, se tenha uma profissão ligada ao meio.

5. A trajetória de M.: “Eu tive que esculpir meu corpo, isso dói”

A trajetória de M. é um pouco diferente da de F. Órfã, criada em um colégio de freiras, ela diz que desde criança escutou as pessoas dizerem que ela tinha um porte atlético. Começou a “malhar” aos 18 anos, por vontade própria, e os elogios que recebia por causa do perfil atlético tiveram uma grande influência na sua tomada de decisão. Ela explica:

como as pessoas sempre me perguntavam se eu era atleta, sempre pensei quem sabe um dia não vou mesmo ser atleta.

Depois de passar por várias academias da cidade, seu encontro com o fisiculturismo aconteceu quando decidiu se matricular em uma academia perto de sua casa. A dona, também professora, treinava alguns alunos para as competições de fisiculturismo e foi por incentivo da dela que M. decidiu começar a treinar.

Hoje, aos trinta e sete anos, separada e mãe de dois filhos, ela também cursa a faculdade de Educação Física, na tentativa de poder se manter nas competições. M., que compete na categoria figure, na qual a simetria é julgada, diz que sua alimentação é normal, porém tenta se alimentar da maneira mais correta possível, evitando “besteiras”, pois “quando você sabe que tal comida não é legal, você fica com peso na consciência”. Ela se diz uma privilegiada com relação ao seu corpo

porque tem uma genética boa. Em quatro meses de treino, conseguiu o resultado esperado, mas para que isso acontecesse diz ter sofrido bastante:

Eu tive que esculpir meu corpo, e isso dói!

Le Breton afirma que a dor na cultura desportiva é consentida. É o sacrifício feito pelo atleta numa troca simbólica que vai levá-lo aos resultados esperados. De acordo com o autor, “através das dores sentidas nos treinos, o atleta paga simbolicamente o preço da resistência quando chega o grande dia” (LE BRETON, 2007: 13). É o ideal do “No Pain No Gain”. Isso fica muito claro em alguns trechos da entrevista, quando a M. é perguntada sobre seu conceito de saúde:

Exercícios são feitos para a saúde, as pessoas têm que ser exercitar para a saúde. Exercícios são feitos para a saúde. Agora quando o exercício é competitivo ele não é para a saúde e sim estético. Quem faz exercício competitivo não faz para a saúde. Claro que a prática do fisiculturismo não é saudável, primeiro por ser competitivo segundo os exercícios são muito repetitivos, conclusão acaba com seu corpo, varias lesões, terceiro a dieta e muita severa salvo por ser por um tempo determinado. Mas as lesões do corpo ficam!

Essas lesões são admitidas em favor do desejo de uma conquista, de ser bem sucedida no esporte. Mas não é só a questão do prestígio profissional que move essas atletas, existe um prazer em ver seu corpo modificado, como um projeto seu, como mostra M., quando perguntada qual sua motivação para treinar, sabendo dos riscos a sua saúde e mostrando quais as lesões adquiridas por ela nesse tempo de treinamento:

Tenho lesões no joelho, lombar, mas... Ninguém é perfeito. O que me motiva primeiro é meu sonho, depois é quando você se vê no espelho e vê uma obra prima.

Hoje os treinos e as dietas são para manter a silhueta que já conseguiu esculpir. Em épocas de competição, segundo M., os treinos são para deixar o corpo com a simetria perfeita. Para isso, ela faz também uso de uma suplementação manipulada, mas apenas quando vai participar de competições, para emagrecer e “segurar a massa”. Quando perguntada sobre o uso cotidiano de esteróides anabolizantes pelas atletas de fisiculturismo, M. é direta:

Bom eu nunca fiz ciclo de anabolizantes e jamais quero fazer. Faria sim se fosse para ganhar dinheiro e muito! Porque não quero ficar com corpo masculinizado gosto de músculo, mas quero ser feminina... Uso suplementos só quanto vou participar de campeonatos faço ciclo de suplementos que são importantíssimos. As pessoas tomam anabolizantes porque tem pressa de crescer não sabem esperar, tem que ser aqui e agora entende?! A pressa é inimiga das pessoas. Tudo que eu tomo de artifício é manipulado não compro em qualquer lugar, entende? O que acontece é que as pessoas exageram ao tomar anabolizantes. Tomam sem ir ao médico, tomam porque o colega tomou e exageram e acabam se dando mal!

É enfática também quando perguntada sobre o modelo contemporâneo de corpo feminino em contraposição ao modelo de corpo cultuado no fisiculturismo:

Me sinto muito bonita, gosto de mim e as pessoas me olham com admiração. Bom umas gostam, outras não. Mas recebo mais elogios do que desprezo. Olha cada um tem seu padrão de beleza, pra mim não seria legal se todas as mulheres fossem musculosas, cada um é cada um. O importante é se gostar e se curtir.

Segundo afirma, M. se sente realizada e diz que o esporte mudou sua vida. Aumentou sua auto-estima, conheceu lugares e pessoas que nunca imaginou conhecer. Só desanima quando diz que não é possível viver só do esporte, pela falta de patrocínio. Quando perguntada sobre qual, seu grande sonho, colocado por ela na entrevista, fica claro que é tanto uma relação profissional, de prestígio e status, quanto à relação pessoal com seu corpo é levada em consideração na decisão continuar treinando:

Ter dinheiro para poder participar de todas as competições . Queria me transformar em um ícone. Queria ter um homem do meu lado, que me desse a maior força. Queria ter dinheiro também. Já conquistei muita coisa, quem era eu, nada uma mulher simples e que hoje eu tenho quase mil fãs. Isso pra mim é maravilhoso. Tenho homens que babam por mim, adoro... Que me adoram... Eu amo. Eu sempre digo famosa já sou, agora só preciso de dinheiro. Gosto do que faço se um dia eu não puder fazer com certeza eu vou morrer.

6. Conclusão

O que fica claro na pesquisa é a relação entre fisiculturismo, risco e mercado de consumo voltado para o corpo, sendo impossível dissociar esses aspectos na análise. O risco é parte do cotidiano dessas atletas e a disponibilidade de uma série de produtos no mercado, além do fácil acesso a eles, compõem o quadro de riscos experimentados por essas mulheres no desejo de transformarem seus corpos para fazerem parte do universo do fisiculturismo. Os riscos não são percebidos como riscos ou são minimizados e consentidos frente a um objetivo a ser alcançado. Nesse universo, ele tem uma lógica própria, é o meio de ascender na carreira, de ter sucesso. Especialmente no caso das mulheres, esse sucesso é importante por não terem o devido financiamento. Além disso, alcançar as metas para se ter o corpo almejado nesse meio, é requisito para se conseguir alunos para treinar e, assim, garantir ou aumentar a renda para poder continuar investindo no seu próprio corpo e obter maior sucesso no esporte. O sucesso financeiro no esporte é baseado no *status* que se tem dentro dele.

Notei que, entre as atletas de fisiculturismo o padrão estético mais corrente na sociedade hoje não é um projeto para elas. O que não significa que essas mulheres não seguem um padrão também estabelecido pela sociedade, já que a busca por músculos salientes e uma hiper definição corporal, parece ser mais ligado ao ódio que a sociedade vem cultivando pela gordura e a necessidade de se controlar o corpo e molda-lo. Existe uma necessidade de se criar uma marca de diferenciação, de se destacar como corpo dentro desse grupo, em busca de *status* e de diferenciação.

Sendo assim, pude perceber também que o preconceito com relação à construção de um corpo forte e musculoso parte de fora do grupo. Em todas as comunidades e mesmo nas entrevistas,

o que fica visível é que no ponto de vista delas esse é um corpo admirável e valoroso, já que foi esculpido e construído com muito empenho e dedicação, existindo da parte delas, uma preocupação em se manter sempre com unhas pintadas, usando saias e blusas justas, salto alto, na tentativa de se afirmar como mulher, feminina, se contrapondo a idéia de que para se ter um corpo forte e musculoso é necessário ser homem. Entretanto, mesmo entre as mulheres que praticam existe um certo discurso de preconceito entre as categorias, tendo sido isso exposto nas entrevistas, sendo o fitness a mais feminina, no figure as mulheres são definidas, porém femininas e o culturismo a categoria de maior masculinização da mulher, mostrando como a idéia de masculinidade toma conta não só do discurso dos homens, como também das mulheres.

O corpo é visto por essas mulheres, não só como um instrumento de trabalho, o corpo é percebido como o próprio capital, como um meio de ascender socialmente. Goldenberg (2007, p.13) mostra que a associação “corpo e prestígio” se tornou elemento fundamental na cultura brasileira. Mostra como existe um determinado modelo de corpo no Brasil hoje que é “um valor, um corpo distintivo, aprisionado e domesticado para se atingir a ‘boa forma’, um corpo que distingue como superior àquele que o possui, um corpo conquistado por meio de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício” (2007, p.29). Esse modelo, adotado pelas fisiculturistas em seu mais alto grau, torna-se através do sacrifício, da dor, da rotina de treinamento, das dietas, da alimentação rígida, um meio de se obter sucesso e prestígio na carreira e na vida pessoal.

Outra questão a ser ressaltada é que a construção de um corpo musculoso e bem definido parte de projetos individuais, pautados em uma necessidade de controle de si, de ultrapassar seus limites e criar assim uma identidade. Essa identidade “é modelada nos músculos como uma produção pessoal e dominável” (LE BRETON, 2007:41). Sabino (2004, p. 14) comunga da mesma idéia, para ele “a preocupação não apenas com a aparência, mas com a forma física, - com o entalhe muscular lapidado a ferro, suor, exercícios, dor, dietas e mesmo cirurgias-, apesar de ser produzida coletivamente, torna-se carregada de investimento individual”. Pode se afirmar, assim, que tal prática representa, para essas mulheres, uma realização pessoal e, nesse sentido, uma possibilidade de atribuir sentido à vida. O fisiculturista pode ser considerado a hipérbole do ódio à gordura na sociedade moderna e esse ódio o transforma em uma máquina de produzir músculos, a qualquer custo, daí os riscos corridos.

NOTAS

* Aluna do 8º período de graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Participa do projeto de pesquisa “Juventude e Sociedade”, orientada pela professora Leila Sollberger Jeolás. E-mail: flamestriner@yahoo.com.br

[1] A definição foi retirada do site da Confederação Brasileira de Culturismo e Musculação.

[2] Esteróides anabolizantes são hormônios sintéticos derivados a partir da testosterona, que tem como objetivo o aumento do volume da massa e de força muscular, administrados por via oral ou injetável.

[3] O Orkut é um site de relacionamentos no qual as pessoas constroem um perfil de usuário e podem participar de comunidades e fóruns de discussão que sejam relacionados ao seu estilo de vida, postar fotos e vídeos. É possível também trocar informações e fazer amigos. Este site é de grande sucesso devido à facilidade de encontrar pessoas que partilhem os mesmos gostos.

[4] Ideologia norte-americana muito difundida entre praticantes de esportes de alto nível, nos quais os atletas se sujeitam a treinos intensos, dietas rigorosas e, usualmente, ao uso de substâncias químicas para alcançar os resultados esperados. Quer dizer que só através do sofrimento é possível alcançar os objetivos. É um dos lemas dos fisiculturistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita. Antropologia e Internet: Pesquisa de campo no meio virtual. **OS URBANITAS - Revista Digital de Antropologia**. 1. ed. SÃO PAULO: Aguaforte Assessoria Web, 2005. V. 2. Disponível em <<http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanitas/revista/pesqnet1.html>> visitado em 10/04/2007.

AZIZE, Rogério Lopes. 'Saúde' e 'estilo de vida': estratégias de divulgação e consumo de medicamentos em classes médias. XXIX Encontro Anual da ANPOCS. 25 a 29 de outubro de 2005. Caxambu/MG.

CASTRO, Ana Lúcia. **Culto ao corpo e sociedade**. Mídia, estilos de vida e cultura do consumo. São Paulo. Annablume /Fapesp, 2003.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FISCULTURISMO E MUSCULAÇÃO, CBMC. Suzano, São Paulo, Brasil. Disponível em <<http://www.cbcm.com.br>> visitado em 10/08/2007.

COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do narcisismo: Body-Building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: **Políticas do Corpo**. Denise Bernuzzi Sant'anna (org). São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DORNELLES, Jonatas. Antropologia e Internet: Quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede". **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 241-271, jan. / jun. 2004.

ESTEVÃO, Adriana, BAGRICHEVSKY, Marcos. Cultura da corpolatria e body-building: Notas para reflexão. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, ano 3, n. 3, p. 13-24, 2004.

GOLDENBERG, Mirian. (Org.). **Nu e Vestido**. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. São Paulo: Editora Record, 2002.

_____. **A Arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 9º edição. Editora Record. Rio de Janeiro. São Paulo, 2005.

_____. (Org.). **O Corpo como capital**: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. São Paulo: Estação das letras e cores editora, 2007.

GRANDO, José Carlos (Org.). **A (des) construção do corpo**. Blumenau: Edifurb, 2001.

GUZZO, Marina. Riscos da beleza e desejos de um corpo arquitetado. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Campinas, v.27, n. 1, p. 139-152, set/ 2005.

INTERNATIONAL NATURAL BODYBUILDING ASSOCIATION (INBA). Austrália. Disponível em <http://www.inba.com.au/1024_enter.html> . Visitado em 04/03/2009.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. Antropologia e sociedade. Tradução Marina Apenzeller. Campinas-SP: Papyrus, 2003.

_____. **A Sociologia do Corpo**. Tradução Sonia M.S. Fuhrmann. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

_____. **Compreender a dor**. Tradução Manuel Anta. Portugal: Estrela Polar, 2007.

LUZ, Madel. SABINO, César. **Forma do corpo e saúde na cultura Fisiculturista**. 25a Reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia, p. 209-229, 2006.

RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do ciberespaço. Questões teórico-metodológicas sobre a pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, v. 51, p. 1-19, 2002.

SABINO, César. As Drogas de Apolo. O Consumo de Anabolizantes em Academias de Musculação. In _____ **Nu e Vestido**. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Mirian Goldenberg (Org.). Record, 2002.

_____. **O Peso da Forma**. Cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas. Comunidade Virtual de Antropologia. <www.antropologia.com.br> p. 1- 336, 2 de set. de 2004. Acesso em 10/04/2008.

_____. Lógica da Diferença e Androlaria. O caso das mulheres das academias de musculação. **Enfoques**. Edição - v. 7, n. 2, novembro 2008. Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/julho03/02.html>>. Visitado em 04/03/2009.